

#### 4. Do lugar nenhum a um lugar possível: a fotografia revelando Água Mineral

*“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito.”*

Isak Dinesen (in Hanna Arendt, 2004. p. 188)

Até aqui, como foi visto nos capítulos anteriores, esta dissertação buscou apresentar uma reflexão sobre a importância do lugar e do modo como ele é percebido para a constituição do sujeito. Apresentamos Água Mineral, uma comunidade localizada no município de São Gonçalo. Apresentamos também uma situação peculiar: esta comunidade não existe nos registros oficiais da cidade; ela é invisível. E invisíveis parecem ser os seus moradores; pelo menos esta é uma experiência subjetiva que nos foi possível identificar ao longo de nossa pesquisa. A experiência da invisibilidade, afirmamos, deixa marcas no sujeito e seus efeitos são sentidos e vivenciados no seu cotidiano. Mas precisamos, igualmente, buscar saídas, encontrar alternativas e abrir frentes de escuta para que esses moradores possam falar das suas dores, seus sofrimentos, das suas lutas, dos seus orgulhos... Precisamos criar um espaço de existência para aqueles que não existem aos olhos dos outros, quiçá para si mesmos, pois o espelho em que olham lhes é opaco.

A discussão teórica até aqui tentou enfatizar o lugar como produtor de identidade. Analisamos que o sujeito se identifica com o lugar e este ganha um lugar representacional no seu imaginário. Poderíamos dizer que carregamos conosco um pouco do que é o lugar, assim como o lugar é um pouco do que somos. Como já nos disse Gullar: *o homem está na cidade/ como uma coisa está em outra/ e a cidade está no homem/ que está em outra cidade*. No caso dos moradores de Água Mineral, o que se apresentou para nós, e por isso buscamos aquelas leituras que nos oferecessem uma compreensão a respeito de uma experiência subjetiva que traz sofrimento ao sujeito, foi a invisibilidade pública. Morar em um lugar nenhum, como muitos assinalaram, confunde-se com um sentimento de ser ninguém. Lugar invisível; pessoas invisíveis. Foi esta a relação que buscamos estabelecer no âmbito desta dissertação. Mas não ficamos paralisados diante disto. Não desejamos apenas ressaltar uma situação, desejamos mais: intervimos.

#### 4.1. A aproximação com o campo: o “eu” volta à cena

Em 2003, comecei a trabalhar no Instituto Promundo, uma ONG brasileira que desenvolve, em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisa sobre a Infância (CIESPI, em convênio com a PUC-Rio), o projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes. Este projeto, que tem como objetivo fortalecer as bases de apoio formais e informais<sup>1</sup> para as crianças e adolescentes era, naquele momento, desenvolvido em três comunidades de baixo poder aquisitivo na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana: Bangu, Santa Marta e Água Mineral.

Há dois anos, atuando nas três comunidades como integrante da equipe do Projeto Bases de Apoio, compreendi que o espaço comunitário, na sua complexidade, era, para mim, um campo e objeto de estudo. Cada uma das três comunidades tem as suas particularidades, são diferentes entre si, são plurais. Bangu e Santa Marta por serem as primeiras comunidades em que o projeto começou a ser desenvolvido, já estavam bastante assimiladas no cotidiano da minha prática. Além disso, embora diferentes, estas duas comunidades tinham algo em comum: um enfrentamento real com a violência provocada pelos conflitos entre grupos rivais do tráfico e entre traficantes e a polícia. Este aspecto, além de outros como a precariedade do acesso e garantia dos seus direitos e o não reconhecimento dos seus modos de existência, também vivenciado em diversas localidades na cidade do Rio de Janeiro, vem sendo amplamente explorado pela mídia e analisado por pesquisadores do campo das Ciências Sociais e Humanas (Silva, J.S., Soares, L.E., Vergne, C, Vilhena, J, Zamora, M.H.). Estes, em especial, têm se dedicado a desconstruir um certo olhar, tido como “oficial” dirigido sobre as favelas cariocas que, carregado de pré-conceitos, as vêem como um lugar de risco ou espaço de *ausência*, e define seus moradores ou como

---

<sup>1</sup>Segundo Rizzini, Barker & Cassaniga (2000), bases de apoio são:“... os elementos fundamentais que compõem os alicerces do desenvolvimento integral da infância. São recursos familiares e comunitários que oferecem segurança física, emocional e afetiva a crianças e jovens.” Esses recursos podem ser tanto formais como informais. Os formais são aqueles que se referem a organizações, instituições e grupos instituídos, tais como creches, iniciativas complementares ao período da escola, aulas de reforço escolar, atividades de recreação, esporte, cultura, música, teatro, lazer, etc. Os apoios informais são os provenientes da família, incluindo aqui a família estendida, parentes e amigos.

carentes, ou como criminosos. Água Mineral, diferente dessas duas comunidades, tinha como marca a não violência do tráfico mas, como elas, possuía precariedade de acesso, não garantia de seus direitos e o não reconhecimento dos seus modos de existência. Porém algo pior, talvez, a marcava: Água Mineral não existia no mapa da cidade...

Diante da inexistência de estudos sobre esse lugar e o modo como seus moradores pensam o viver naquela comunidade, surgiu em mim o desejo de conhecer melhor onde eu estava trabalhando. Porque trabalhar em um lugar e dele nada saber traz, para mim, profissional da área de psicologia, uma questão: como é viver neste lugar?

A esta altura o tema da invisibilidade ainda não se havia apresentado para mim. Eu era recém-chegada em Água Mineral. Tudo lá me interessava: as pessoas, as ruas, as casas, o jeito de falar, de vestir, a paisagem, a tranquilidade, o silêncio, a brisa... Tudo era novo e era preciso tempo para conhecer aquele lugar, aquela gente.

#### **4.2. E o tema foi surgindo...**

Em certa ocasião estava na Maré, participando de um evento cultural promovido por uma instituição local, que lá desenvolve suas ações, com o engajamento dos moradores. Havia uma instalação com fotografias que registravam fatos, pessoas e a própria arquitetura da favela que, de certo modo, inseria o morador ou o visitante no registro de uma história singular. Ao adentrar a sala onde estava montada a instalação, eu fui surpreendida pela fala de uma adolescente (moradora da Maré): *“foi você que colocou essas fotos aqui?”*; quase sem nada entender, respondi: *“não, por quê?”* e ela me explicou: *“porque ouvi dizer que essas fotos são antigas e só agora que elas foram encontradas. Agora a gente pode ficar conhecendo quem são os moradores da Maré.”* Essa fala, de uma adolescente, moradora de uma localidade que conta a sua história e que se faz ver a partir de um olhar que é de dentro, registrado por quem lá viveu e/ou vive, mostra que algo, ali, faz sentido. Ver-se e mostrar-se, através das fotografias,

parece dar passagem à produção de sentidos e a uma resignificação do sujeito dentro de seu próprio contexto social e subjetivo.

Mais tarde, na ocasião da elaboração do projeto para o mestrado, inquieta em conhecer e realizar um estudo sobre o olhar dos moradores de comunidades populares sobre o lugar onde vivem, tive a oportunidade de apresentar a proposta para o coordenador do projeto Olhares do Morro, localizado na favela Santa Marta, zona sul do Rio de Janeiro. Vincent mostrou-se interessado na pesquisa e na possibilidade de ter alguém com “um olhar como o meu” acompanhando os jovens do projeto. Talvez ele tivesse a expectativa de que eu, psicóloga, poderia oferecer algum tipo de atendimento para aqueles jovens que considerava “mais problemáticos”. Na verdade, sem que esta percepção pareça pejorativa, penso que Vincent tinha uma grande sensibilidade e sabia reconhecer que estava trabalhando e oferecendo um instrumento que provocaria e promoveria transformações na vida daqueles novos fotógrafos. Podia compreender que o fato de os jovens fotografarem a própria comunidade, ou seja, fazê-los ficar “frente a frente” com a sua realidade, com a sua história, com seus sonhos, este processo faria emergir questões com as quais não tinha ou não se sentia em condições de lidar sozinho, como fotógrafo, coordenador do projeto.

Desta forma acompanhei o grupo por alguns meses, realizei algumas entrevistas com os jovens, buscando compreender o impacto do processo de fotografar nas suas vidas. A partir destes encontros uma questão se apresentou para mim: os jovens do Olhares do Morro queriam mostrar a sua comunidade segundo o seu próprio olhar. E talvez mais, queriam que fossem vistos para além dos limites da própria favela, ou seja, desejavam ganhar visibilidade, desejavam ser conhecidos, reconhecidos. Desta experiência surgiram as primeiras perguntas: qual a importância da visibilidade na nossa sociedade? Se os jovens necessitam de visibilidade, reconhecimento, é porque se sentem invisíveis, desapercibidos? Como deve ser a experiência de se sentir invisível na própria cidade, para os outros e entre os outros? Qual contribuição pode a fotografia dar neste processo?

Infelizmente<sup>2</sup> eu e Vincent não conseguimos sustentar o nosso contato e nossa proposta, embora ainda hoje eu receba emails sobre seu projeto, o que me mantêm sempre atualizada dos seus avanços, conquistas e novos trabalhos!

Mais tarde, já no mestrado, tive a oportunidade de conhecer o fotógrafo, coordenador do projeto Imagens do Povo, desenvolvido na favela da Maré. O contato foi facilitado por meu coordenador no Instituto Promundo. Na ocasião estávamos negociando uma parceria para o desenvolvimento de um projeto com jovens e fotografias. João, o fotógrafo deste projeto, foi meu principal interlocutor. Apresentei a ele meu projeto de pesquisa e ele me convidou para conhecer o espaço do Imagens do Povo, na Maré. Na visita, conheci alguns jovens fotógrafos que já tinham muito bem definido o seu trabalho, o seu olhar para a comunidade, tinham imagens sobre os mais diversos aspectos da favela: a vida religiosa, a pobreza, a violência, a infância, as brincadeiras, as belezas, o trabalho e os trabalhadores... as pessoas, os moradores... Foi muito rico para mim este contato.

A partir dali, percebi que os jovens destes projetos tinham dado a suas comunidades e a si mesmos as suas imagens. E isto fazia com que a relação com a comunidade fosse outra, a relação consigo mesmo, com a cidade, com outros jovens, tinham sofrido, ou poderiam sofrer, transformações. Seus olhares eram críticos e buscavam imagens que lhes representassem, como acreditavam que deveriam ser representados.

Depois do encontro na Maré, do contato com o Imagens do Povo e da experiência no Olhares do Morro algumas questões a mim se impuseram em relação ao trabalho que eu efetuava na comunidade de Água mineral: e os moradores de Água Mineral, quem os conhece? Quais seriam as suas imagens? Qual o olhar dos jovens desta comunidade sobre o lugar onde vivem? Que imagens eles produziriam para falar do viver em Água Mineral? O que é Água Mineral para os jovens que lá habitam? Como eles se vêem, morando em um lugar que não existe no mapa? Será que esta seria uma questão para eles, ou apenas para mim, como estrangeira daquele lugar? Será que esses moradores gostariam de se

---

<sup>2</sup> O projeto Olhares do Morro alugava o espaço onde anteriormente localizava-se o Posto de Saúde da comunidade. No início de 2004, a nova gestão da Associação de Moradores solicitou a entrega do local para a re-instalação do Posto da Saúde. Deste modo, o projeto Olhares do Morro mudou-se e este processo levou vários meses. Ao final, conseguiram o espaço da Jocum e hoje também desenvolvem a TV Olhares, um canal comunitário, com programas e matérias produzidas pelos jovens moradores do Santa Marta.

conhecer e se fazerem conhecidos? Será que utilizando um recurso como a fotografia, instrumento da visualidade (e visibilidade), sendo eles moradores de um lugar “que não existe”, “invisível”, não se poderia assim dar visibilidade a essas pessoas, podendo, assim, estas se verem e serem vistas?

Com estas questões em mente, busquei, inicialmente, conhecer como os moradores viam o lugar onde moram, utilizando a fotografia como instrumento, com o intuito também de que as imagens desfizessem aquilo que estamos (ou somos) acostumados a ver e a pensar sobre as comunidades populares e faveladas do Rio de Janeiro. No entanto, ao olhar para Água Mineral percebi que nesta comunidade sequer havia imagens construídas externamente para contestar ou desconstruir. Ninguém de fora sabia deste lugar. A partir desta constatação, pressupus que havia uma construção social sobre este lugar que não estava explicitada. Tive, então, a curiosidade de conhecer como estes moradores viam a sua comunidade e a si mesmos nela inseridos. Esta curiosidade não adveio do nada, foi resultado de um entremear das experiências anteriores com os projetos no Santa Marta e Maré e o meu trabalho em Água Mineral. Diferente daqueles projetos, em Água Mineral era preciso construir imagens, revelar um olhar que só se fazia presente para os que lá habitam.

Essa construção de imagens só se faz possível em um entre-jogo de olhares: entre o de dentro – o morador - e um de fora – a pesquisadora. Para os moradores de Água Mineral eu representava o elemento externo, aquele que não a conhecendo estava aberta a vê-la, a descobri-la. A minha presença por si só já dava a eles uma sensação de existirem fora de lá. Eles poderiam imaginar e talvez terem quase uma certeza de que eu falasse deles para além daqueles momentos que partilhávamos no trabalho que desenvolvia na comunidade ....

Aí, então, adveio a consigna: *Como você vê o lugar onde você mora? O que é Água Mineral para você?* Não fiz uma proposta de mostrar algo diferente do que já havia lá, e sim mostrar o que há e o que é Água Mineral, pois eu não a conhecia como esses moradores, mas queria conhecê-la. Eu somente ia lá, trabalhava, e voltava para um outro lugar. Eu não residia em Água Mineral. Eu poderia ter algumas hipóteses do que seria morar lá, afinal eu passava algum tempo convivendo com aquelas pessoas, mas eu não podia afirmar que Água Mineral era isso ou aquilo, ou se assim fizesse, seria no mínimo algo impositivo:

eu não era dali, eu não poderia jamais representá-los, mas eu poderia dar a eles voz e imagem, exatamente por ser de outro lugar!!

Afirmo que a grande diferença da proposta do meu trabalho com aqueles que anteriormente tive contato foi o fato de eu não ter dentro de mim uma imagem a ser desconstruída, eu somente tinha imagens advindas do meu contato diário com essas pessoas, não havia em mim rótulos, ou sequer pré-conceitos, afinal Água Mineral ainda era um mistério para mim e para a equipe com a qual trabalhava. Acredito que com essa consigna, eu tenha propiciado um espaço, digamos, transicional, ou seja, dei a esses moradores a possibilidade de escolher entre tantas coisas tantas vezes vistas aquelas que eles nomeariam como sendo Água Mineral. Tanto o ônibus, a bolsa, o verde, a escola, as ruas, as crianças, tudo isso já estava lá, mas parecia que por fazerem parte do dia-a-dia dessas pessoas elas eram quase que invisíveis para elas também. E aí eu cheguei e pedi que reolhassem a comunidade para que eles pudessem me dizer o que eles e ela eram. E de repente ônibus virou muito mais que ônibus... criança virou muito mais que só mais uma criança brincando na rua como todo dia... O cotidiano virou, digamos, arte... será? E assim esses moradores tomaram *posse* de Água Mineral.

Mas como eles tomaram posse de seu espaço? A proposta de eles me mostrarem como seria Água Mineral necessitava passar por um registro, fosse ele qual fosse: desenho, discurso, imagem. Escolhi como instrumento de registro a fotografia seja porque eu já tinha, como já foi anteriormente relatado, as experiências do Olhares do Morro e do Imagens do Povo, seja porque do meu ponto de vista, fotografar é um gesto do existir.

Tinha como pressuposto que morar em um lugar que não existe no mapa causa algo em seus habitantes. No meu ponto de vista, este fato concreto implicaria em uma experiência subjetiva que eu não sabia nomear, tanto menos compreender ou explicar. Escolhi a fotografia porque é, justamente ela, um instrumento de visualidade. Ou seja, se eles não existiam em nenhum lugar físico, apenas na concretude da própria existência, agora poderiam ver-se e, portanto, passar a existir nas suas próprias imagens.

Entregar uma câmera fotográfica para alguém e pedir que registre o seu lugar ou responda uma pergunta qualquer como, por exemplo, “como você vê o lugar onde mora?” é, de alguma maneira, constar a existência deste sujeito. Algo dele será revelado. Não apenas serão reveladas as imagens de uma comunidade

desapercebida, mas emergirá o modo como *aquele sujeito* a percebe. Ou seja, a fotografia implica uma presença; a presença de quem fotografa – e se for o caso, de quem é fotografado. Deste modo, comunidade e sujeito aparecem. Logo, a fotografia serve como instrumento para desvelar ambos.

O ato de fotografar a comunidade daria aos moradores de Água Mineral, no meu entender, a possibilidade de olhar, ressignificar e de construir em suas memórias e no seu imaginário um lugar de pertencimento, um lugar existente e que daria a eles também um estatuto de existência. Afinal de contas, como nos diz Hanna Arendt (2004), existir é entregar as suas imagens à sociedade.

Quando pensei no recurso da fotografia, da máquina, reparei que a idéia de convidar os moradores a fotografarem a comunidade veio depois da percepção por minha parte de que essa comunidade era marcada pela invisibilidade. Eu não queria simplesmente “bater fotos”. Interessada em fotografia entendia que esta poderia ser um instrumento de captura de um olhar ou de múltiplos olhares e disparador de um discurso sobre o qual poderíamos tecer um entendimento sobre aquele lugar e a forma de nele ser e habitar.

Eu precisava das fotografias para compreender aquele lugar e aquela gente, porque elas eram o registro não somente físico desta comunidade, eram igualmente um pouco de cada um daqueles que optaram por participar desta pesquisa. Por isso as fotos tinham que ser tiradas pelos próprios moradores. Somente eles poderiam mostrar o próprio olhar, e assim, criar suas próprias imagens. Mas estas fotografias não eram imagens isoladas. Eu deveria ouvir também o significado dado a elas por quem as tinha tirado.

Esses atos de ouvir e contextualizar as fotos tiradas estão apoiados no pensamento de Hanna Arendt que afirma que o existir no espaço público advém de uma ação e um discurso, já que é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano. Foram realizadas, então, entrevistas com cada um dos participantes para justamente falarem sobre suas imagens e o processo de fotografar a comunidade.

Será que o ato de fotografar e a própria fotografia operariam alguma mudança subjetiva naqueles que se aventurassem na tarefa de registrar a comunidade como eles a vêem?

### 4.3. A fotografia não é somente um registro físico

As pesquisas em psicologia vêm sendo fortemente favorecidas pelo uso da fotografia como recurso metodológico. Em um artigo sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia, Neiva-Silva e Koller (2000) descrevem quatro funções principais da fotografia utilizadas em diferentes métodos: registro, modelo, feedback e autofotográfico. Os autores destacam e nós, para os fins desta dissertação, também destacaremos o método conhecido como autofotográfico. Segundo os autores, esse método implica em entregar uma câmera fotográfica para os participantes, explicar como manuseá-la e, posteriormente, solicitar que respondam a uma questão específica. Após a revelação do filme, é analisado o conteúdo das fotos. Em parte dos estudos também são realizadas entrevistas com os participantes para que possam ser relevadas suas percepções sobre cada fotografia. Nas pesquisas que utilizaram o método autofotográfico, alguns autores pediram aos participantes que escolhessem as imagens percebidas como as mais importantes; que estabelecessem uma ordem a partir das fotos que consideravam mais significativas; ou que escrevessem uma legenda para cada foto ou um parágrafo sobre um conjunto delas. De outro modo, as entrevistas poderiam ter como objetivo aprofundar as percepções dos participantes a respeito das fotografias. Do método autofotográfico, foram ressaltadas algumas vantagens que valem ser aqui destacadas:

- não depende da habilidade verbal ou escrita dos participantes, que segundo os autores possibilita uma maior expressão de si - os participantes podem revelar o seu “eu” com mais facilidade, sem as limitações impostas pela linguagem verbal;
- não é o pesquisador quem direciona ou induz o olhar do participante. As imagens são resultado da implicação do participante com a questão que lhe foi apresentada, portanto somente ele pode selecionar seus estímulos;
- as instruções - a questão a ser respondida pelo participante - são dadas de uma forma intencionalmente vaga;
- no método autofotográfico não apenas as fotografias são levadas em consideração, mas o sujeito que fotografa também. Deste modo, o que se destaca é o conteúdo e o processo;

- O conteúdo refere-se às fotografias em si, às imagens escolhidas individualmente, sejam elas de pessoas, lugares, atividades, objetos... o conteúdo também pode se referir a algum aspecto afetivo que vai além da cena concreta visualizada;
- o processo é a dimensão que caracteriza a forma como a pessoa interage, responde e compreende o mundo ao seu redor. Portanto, na função autofotográfica, importa tanto o autor da foto quanto a sua percepção sobre as imagens registradas pela própria pessoa;
- no método autofotográfico uma vantagem é que as categorias de análise estão implícitas nas próprias fotografias e, além disso, propicia uma oportunidade de as pessoas se mostrarem, mostrarem o quê e como pensam através de um instrumento bastante acessível, a fotografia.

Descrevo o método autofotográfico neste momento por compreender que, em alguma medida, ele contribui para pensarmos a intervenção em Água Mineral. Seu procedimento, o uso da fotografia na pesquisa em psicologia, não se resume a uma análise das imagens registradas. Ele faz revelar o sujeito da pesquisa, ou seja, o sujeito que fotografa. Por isso pensamos ser a fotografia um instrumento que revela um gesto do existir. Fotografar implica em uma presença e é nesta presença que o sujeito se retira de uma situação de invisibilidade para a de visibilidade, do não ser para o ser. A fotografia, podemos considerar, inaugura novas formas de pensar um sujeito no mundo e de o sujeito pensar a si mesmo e seu lugar, suas coisas, suas histórias.

Gomes (2004), em seu projeto bastante original sobre a utilização da fotografia no campo da pesquisa científica, explicita que o registro de um ambiente ou de aspectos deste ambiente, de pessoas e ações de uma dada cena possibilita que todo um sistema, que não necessariamente esteja em foco, venha a tona, instigando o imaginário a percorrer outras realidades. Segundo a autora, a imagem pode captar a experiência, podendo, ela mesma gerar experiência, por isso pode-se dizer que ela produz subjetividade. Sobre isso destacamos:

Se pensarmos a fotografia como um instrumento capaz de captar a realidade e a experiência, mesmo que de forma parcial e incompleta, pode-se pensar que ela se faz presente na constituição das subjetividades, tratando de demonstrar “em que condições e com que características vão se organizar os campos da experiência ao longo da vida social” (Naffah Neto, 1993:202 apud Gomes, 2004)

Perceber a interação do domínio da técnica fotográfica com o lado subjetivo - o olhar do fotógrafo - nos traz uma outra dimensão da imagem, ou seja, a dimensão da criação possibilitada pela intervenção no real através de um instrumento técnico - a câmera fotográfica. A imagem impressa na foto, ao mesmo tempo em que aprisiona o instante, se oferece como uma máquina espaço temporal transportando o sujeito para outro lugar e outra temporalidade. A fotografia pode, assim, mudar o estatuto das coisas, uma vez que possibilita a idéia de “descoberta”.

Além da leitura dos trabalhos de Neiva-Silva e Koller (2000) e de Gomes (2004), também é interessante destacarmos algumas contribuições interessantes de Costa (2004) sobre a fotografia. Na pesquisa deste autor, sobre a invisibilidade pública dos garis da USP, em algum momento ele se deparou com a necessidade de usar o recurso da fotografia, e esta experiência lhe trouxe algumas reflexões apropriadas igualmente para esta dissertação.

Costa (2004) evidencia que a fotografia é mais do que um registro físico, o processo de formar e fixar sobre uma emulsão fotossensível a imagem de um objeto. Tal definição não se faz suficiente para descrever fidedignamente todas as conotações psicológicas e sociais que uma foto carrega. O registro físico impresso em papel leva consigo o que teriam sido momentos, passagens da vida; é uma forma de representação de lugares ou pessoas que são especiais, um símbolo guardado, uma peça que reaviva a memória.

Fotografar a própria comunidade, dar a ela as suas imagens permitiu que seus moradores pudessem falar deste lugar e dar novos significados, ou pelo menos pensar sobre como significam o lugar onde moram. A fotografia ressignifica o espaço até então significado como um nada, um lugar nenhum, um lugar que não existe no mapa e por isso esquecido e invisível. O fotografar, o olhar de novo para a comunidade através da máquina do ver possibilita que o morador dê a este lugar o estatuto de existente, já que pode ser, agora, através das suas próprias imagens, representado em imagens.

#### 4.4. E a intervenção acontece....

Ao longo deste ano, tive a oportunidade de apresentar a proposta de intervenção para quatro jovens de Água Mineral. Como foi exposto anteriormente, trabalho nesta comunidade desde 2003 e, desde então, meus contatos na comunidade, se não eram diretamente relacionados aos jovens, acabavam sendo intermediados por eles.

Desta forma, expliquei a cada um, individualmente, que eu estava procurando conhecer melhor Água Mineral e, principalmente, como eles viam a comunidade em que vivem. Tendo deles a resposta de que desejavam participar da pesquisa, entreguei-lhes uma máquina fotográfica com a qual fariam seus registros tentando responder às perguntas: *como eu vejo a minha comunidade? Como é esta comunidade para mim?*

A câmera era descartável e continha 24 poses. A escolha por este número de poses foi baseada nas conclusões de Neiva-Silva e Koller (2002) a respeito de outras pesquisas que utilizaram igualmente a máquina fotográfica como instrumento de registro. Os autores constataram que 12 poses eram insuficientes para que as análises fossem mais aprofundadas tanto quantitativa quanto qualitativamente. Especialmente no último caso, a possibilidade de diversidade de conteúdo ficava limitada. Por isso, sugerem que um número entre 20 e 24 poses seria mais apropriado para fazer emergir diferentes respostas para a consigna proposta.

Esses jovens tiveram uma semana, aproximadamente, para fazer os registros. Posteriormente, com as fotografias reveladas, marcamos uma entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada jovem, em um ambiente escolhido por eles (em todos os casos foi a sua própria casa). A consigna “*como eu vejo a minha comunidade*” era bastante abrangente o que permitiu aos jovens uma maior liberdade para se expressarem.

Portanto, na entrevista, nossos objetivos eram o de conhecer e aprofundar a compreensão dos significados dados por cada jovem às imagens registradas. Algumas questões nortearam a entrevista:

- Quais fotografias melhor retratam a sua comunidade?

- O que você destaca ou deseja destacar nesta fotografia?
- Para você, como a sua comunidade é vista por quem não mora nela?
- O que significou fotografar para você?

Além disso, também foi pedido a eles que escolhessem, entre todas as fotos tiradas, aquelas que mais significavam o que era para eles a sua comunidade e que as nomeassem. A nomeação para mim era importante para que fossem melhor clarificados os pontos que estavam sendo tratados ao longo das entrevistas. Quando eles “davam um título” à imagem, esta deixava de ser apenas uma imagem descontextualizada; este ato de dar um nome implica o sujeito naquilo que ele está mostrando. A posteriori, foi-nos possível fazer uma análise por conjunto de imagens associadas a um determinado tema, advindo dos nomes dados às fotografias.

Os jovens que participaram da pesquisa possuem uma história, e antes de analisar as fotografias e as respostas dadas na entrevista irei apresentá-los. Tento, assim, tornar visíveis aqueles que, para qualquer um que não os conheçam ou nem saibam onde fica Água Mineral, seriam somente ou uma inicial de um sujeito em uma pesquisa, ou apenas uma fala e uma imagem. Mas essa imagem ou imagens e essas falas dizem também respeito a quem as tirou, como bem mostrei acima. São esses rostos sem rosto, que aqui serão esboçados, que trago à cena agora. Não posso falar de visibilidade sem dar rosto, mesmo que imaginariamente concebido, a quem da pesquisa fez parte. Por isso não há iniciais, há nomes; por isso há vida relatada, contextualizada. Não há somente o ato de fotografar, a imagem produzida e o discurso falado sobre essas imagens, há o autor se fazendo presente, há pessoas, não há seres humanos invisíveis.... São todos moradores de Água Mineral, mas isso diz pouco deles, todos têm uma mesma origem e talvez algumas histórias em comum, mas isso igualmente pouco deles diria... Então, quem são aqueles que por um ano me acompanharam nesse descobrir e desvelar do que seria Água Mineral?

Ariela tem 25 anos e vive em Água Mineral desde que nasceu. Atualmente se divide entre a casa dos pais e a da avó. Esta, por já ter bastante idade, precisa de companhia à noite e é Ariela quem fica com ela. Tem quatro irmãos mais novos, sendo a menor de três anos de idade. Não fala muito a respeito de seus pais. Fez formação de professores e chegou a montar uma creche. Desde 2004, participa do

projeto fortalecendo as Bases de Apoio familiares e Comunitárias desenvolvido pelo Instituto Promundo em parceria com o CIESPI na sua comunidade. Segundo ela própria, a participação no projeto lhe acrescentou uma maior reflexão sobre o lugar onde vive e também fez despertar uma curiosidade em relação a história do local. Chegou, inclusive a pensar em realizar uma pesquisa na comunidade com os moradores mais antigos e, este foi o fator de aproximação dela com a pesquisa desta dissertação. Seu sonho é ver a comunidade se desenvolver e poder contribuir para isso. Acreditava, na ocasião da pesquisa, encontrar-se em um momento de gestação da comunidade. Como representou em uma de suas fotografias, a moça grávida já prestes a ganhar o bebê simbolizava a sua expectativa em relação aos seus projetos para a Água Mineral; de algo novo estava por vir.

Roger tem 19 anos e está concluindo o terceiro ano do ensino médio. Mora com os pais e os irmãos, uma menina e um menino, também adolescentes. Tem o sonho de entrar na faculdade e cursar psicologia e música. Toca guitarra em uma banda da sua igreja e atualmente foi convidado para tocar também em outras bandas. Na escola, preside o Grêmio Estudantil e na comunidade já participou de vários projetos, como o Bases de Apoio – através do qual nos conhecemos – e recentemente coordena atividades na Biblioteca Infanto-Juvenil e na rádio da comunidade, projeto igualmente desenvolvido pelo Instituto Promundo com o apoio do Instituto C&A. É um jovem inquieto, criativo e que busca alcançar o que deseja com determinação.

Clara tem 22 anos. Mora, atualmente, com a avó e duas irmãs. Os pais são separados e a mãe foi passar um período no interior de Minas Gerais para cuidar da saúde da sua bisavó. Ela é Testemunha de Jeová e realiza seu trabalho bíblico diariamente na comunidade. Desde 2004 participa do projeto Bases de Apoio, já tendo dividido seu tempo com outros trabalhos temporários, como garçoneiro em um restaurante da cidade. Quando soube que eu estava realizando uma pesquisa na comunidade com fotografia, ela mesma se ofereceu para participar; disse-me “acho que tenho muitas coisas para mostrar”. Não tive dúvidas. Ela gosta muito de fotografia e adoraria fazer um curso ou que na comunidade tivesse algum projeto neste sentido. Atualmente está noiva, com casamento marcado para o próximo ano.

Douglas tem 17 anos e concluiu o segundo ano do ensino médio. Filho de mãe nordestina, vinda do interior da Bahia. Do pai não tem notícias há muito

tempo, há 13 anos não o vê. Mora com a mãe. Tem um irmão casado e um sobrinho, que moram ao lado de sua casa. Conheci Douglas neste ano, 2005 no projeto Participação Sintonizada<sup>3</sup>. Douglas é um dos jovens do projeto. Garoto tímido, disse-me, certa vez que buscou o projeto justamente em decorrência da sua timidez. Queria encontrar algo que o fizesse poder se expressar melhor. Ele foi o último a quem apresentei a pesquisa e fiz o convite para participar fotografando a comunidade como ele a vê. Parecia até orgulhoso ao aceitar o convite. Depois fez questão de ficar com as fotos, mostrar para a mãe.

Em Água Mineral, das imagens e das vozes de seus moradores ouvimos a respeito de uma experiência subjetiva da invisibilidade. Foi-nos possível escutar de uma dor, de um ressentimento, de um tormento, de uma mágoa... Como também vimos e escutamos seus sonhos, a esperança que não morre, a reflexão e a crítica.

## **Escolhas: imagens e falas tecendo Água Mineral**

### **Água Mineral é um lugar: quando a invisibilidade se faz visível.**

**Os sonhos cortados de uma geração, olhar com mais carinho, o descaso e a falta de oportunidade:** estes foram os nomes dados às fotos que vocês verão a seguir. Esses nomes nos remetem a uma questão interessante ao pensarmos sobre a invisibilidade. Os efeitos desta invisibilidade para quem habita em um lugar, como apontamos ser Água Mineral, marcado inúmeras vezes nas falas dos entrevistados como um nada, onde não há nada de interessante para se fazer ou nenhuma perspectiva, seriam o vazio subjetivo, a vergonha de dizer que mora lá, o não acreditar em melhoras, o não acreditar nos próprios sonhos, a indiferença, o sentir-se estrangeiro, como se num lugar desacreditado, habitassem igualmente serem desacreditados, dessubjetivados.

---

<sup>3</sup> Participação Sintonizada, projeto que objetiva promover o desenvolvimento integral de crianças e de jovens, bem como de suas famílias e da comunidade onde vivem por meio da participação infanto-juvenil no rádio e na biblioteca comunitária. O projeto é uma iniciativa do Instituto Promundo em parceria com a Agência Radiofônica PontoCom Saúde, com o apoio do Instituto C&A.

Mas aqui é interessante também refletirmos em como essa invisibilidade é tornada visível. Podemos pensar nessa dialética. É justamente no tornar visível, ou seja, no ato de criar imagens e elaborar um discurso sobre o lugar, que o morador pode se deparar com situações não anteriormente pensadas ou, pelo menos, não significadas para eles. Quando identificam, através das fotografias tiradas, as suas valas abertas, os seus buracos e, a partir disso, começam a falar da sua história, da forma como enfrentam tais situações no dia-a-dia, em como buscam soluções, que esses moradores podem ressignificar o seu próprio lugar, o seu cotidiano e o seu modo de ser naquele lugar. Deparam-se com a imagem e, de repente, são perguntados a falar sobre ela. Neste momento em que imagem e discurso se entrecruzam e aquilo já tantas vezes visto passa a ser percebido.

Devemos, obviamente, imaginar que os buracos estão ali há muito tempo, que o ônibus demora a passar todos os dias, que há muito tempo os jovens estejam querendo sair de Água Mineral ou que seus moradores sempre tiveram pouco acesso a trabalhos que exigissem uma qualificação superior ao mínimo que eles podiam oferecer enquanto trabalhadores. Mas é no parar, olhar, pensar, falar e elaborar que o sujeito vai se colocar como tal no mundo e procurar transformar a sua realidade.

Vejamos e ouçamos agora Ariela, Roger, Clara e Douglas.

## Os sonhos cortados de uma geração



Figura 11

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. *Água Mineral, ela tem uma história*, minha vó sempre conta que, até outras pessoas contam que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. *Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que tá nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos. Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho tá bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.* (Ariela)

## Olhar com mais carinho



Figura 12

*Aqui, as pessoas não tem emprego, então elas se viram do jeito que elas podem. Esta aqui é uma pensão de comida caseira. Cada um faz um pouquinho, uns fazem pintura para vender, outros fazem bolo, torta, outros fazem comida para vender, é bastante amplo esta questão de pensão aqui na Água Mineral. Porque tem as empresas né, que embora não contratem funcionários que sejam da comunidade, mas gera uma renda, porque as pessoas têm que comer, então as pessoas que trabalham com comida caseira se dão bem nesta área. (Clara)*

*Outra parte que eu vejo que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque tá neste estado... (Clara)*

## O descaso



Figura 13

Aqui eu quis retratar assim, *como as autoridades descartam esse lugar*, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., *foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...* (Ariela)

## Falta de oportunidade



Figura 14

Sabe barraco mesmo, extrema pobreza mesmo, *de madeira toda caindo, sem condição. Isso aqui é de extrema pobreza.* (Roger)

## A cara do nosso presente



Figura 15

Esse aqui é um trabalhador, *pelas roupas dele, é um trabalhador típico de Água Mineral*. A maioria é assim, tão indo pra trabalho de camiseta, de bermuda, alguns vão de sandália de dedo, então você vê que não é um lugar muito formal, *você vê que não é um trabalho assim, como eu vou dizer, você não vê advogados, médicos, não é um trabalho de formação acadêmica, são trabalhos bem populares*. A maioria dos trabalhadores aqui são peões de obra, pedreiros, caminhoneiro, mecânico, vendedor, outras profissões assim, mais de nível acadêmico, superior é muito difícil. Muito, muito difícil mesmo. (Ariela)

## Água Mineral para além de não existir no mapa

**Beleza, Cartão Postal, Ligação com a natureza, Bem equipada, Qualificada:** estes foram os nomes dados para as fotos que iremos mostrar agora.

Diante da pergunta feita “como você vê o lugar onde você vive?”, “o que você gostaria de mostrar sobre Água Mineral?” a primeira face apresentada é a da revolta diante da constatação da invisibilidade social. A outra face, porém, é justamente aquilo que somente quem mora lá e vivencia as suas belezas e qualidades, pode mostrar.

Mais uma vez vamos trazer a voz e as imagens de Ariela, Roger, Clara e Douglas. Eles resgataram aquilo que a comunidade tem que a faz ser Água Mineral, independente de ser vista ou não. É como se pudéssemos dizer que eles são invisíveis, mas há algo lá para ser visto e eles vêem. Então é a beleza do lugar, o verde, a escola - que é pouca, mas tem - a biblioteca, o posto de saúde. Estes dois lados da moeda mostram uma diversidade dentro da própria comunidade: lugar tranquilo, procurado por famílias "com mais oportunidades", mas ao mesmo tempo com muita pobreza, falta de esgoto como foi visto anteriormente.

**Beleza**



Figura 16

É só a vista mesmo, acordar e dar de cara com esse morro, assim, é bem lindo, bem lindo... ainda mais quando está um dia ensolarado... (Douglas)

### Cartão Postal 1



Figura 17

O que me ocorreu ao olhar as fotos é que Água Mineral *é um lugar muito bonito, com muito verde e com uma cultura muito grande*, apesar de ser muito pobre, as pessoas são muito acolhedoras, muito gentis. (Roger)

*As matas, os animais. Uma comunidade muito rica, muito bela*, mas como eu continuo dizendo, pouco explorada, com poucas oportunidades. (Roger)

### Cartão Postal 2



Figura 18

Assim, *muito verde, muito verde*, a primeira foto que eu bati foi essa, *com muito verde*. E eu fui descendo, “e daí? a comunidade não é só esse monte de verde”, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar. Mas tem algo mais do que isso. (Roger)

### Ligação com a natureza



Figura 19

Eu fui num lugar bem alto e pegar uma foto legal da comunidade, bem lá para baixo. *Eu enfatizei a parte dos morros, das matas que eu acho fascinante, acho que é a melhor parte do lugar é esse mato, esses morros, esse verde. Eu gosto muito.* Eu sei que eu queria que as pessoas valorizassem isso. Por que eu odiaria ter que morar no centro do Rio e só ver prédio, prédio. (Clara)

### Bem equipada



Figura 20

*Tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.* (Clara)

## Qualificada



Figura 21

*Vamos começar pela parte boa, né? A gente tem um Horto, da prefeitura, tem alguns brinquedinhos lá, mas é um espaço que tem área de lazer, pode se chegar, (...) temos uma Associação de Moradores que... digamos assim, é uma estrutura, como se fosse uma prefeitura, então é a prefeitura do bairro a associação de moradores (...) Tem um PSF (Programa de Saúde da Família), que fica dentro da Associação de Moradores, que é bastante importante você ter um núcleo de saúde próximo de casa para você poder recorrer até mesmo em uma ocasião de emergência mesmo e não ter que pegar uma condução para poder se medicar, para poder pegar um medicamento. Então isso facilita bastante. Temos uma Biblioteca comunitária que é realmente... importante para o desenvolvimento, ela é infanto-juvenil e hoje o que todos nós devemos procurar é fazer o jovem, desde criança gostar de ler, por que a gente vê que de um tempo para cá isso vem se perdendo, então quanto menos recursos a comunidade tem, menos acesso aos livros também. Então é importante uma biblioteca, os jovens daqui, uma quantidade razoável de crianças e jovens daqui sabem que existe essa biblioteca então sabem que existe recurso na comunidade que eles podem recorrer, se eles vão fazer aí já é consciência de cada um. (...) Nós temos o CIEP, é um núcleo de estudos para crianças do maternal até a 4ª. série e é a demanda da comunidade porque a maior quantidade é de crianças pequenas então é muito importante esse CIEP aqui. (Clara)*

## Um olhar para Água Mineral: a criança como metáfora

**Preocupada com as Crianças, Comunidade feliz e jovem, Esperança e Força**, estes nomes foram os escolhidos para as fotografias que mostraremos a seguir. Ariela, Roger, Clara e Douglas fotografaram crianças. São diversas imagens em que as crianças aparecem em diferentes situações, mas em seus discursos a infância é sempre significada como um “espaço-tempo” de esperança, de sonhos, de alegria. Além disso, a criança também é vista como alguém que necessita de cuidados, atenção, e de condições favoráveis para se desenvolver integralmente. As crianças são para estes jovens o futuro de Água Mineral.

Vejamos as imagens nomeadas e o que os jovens nos dizem delas:

### Preocupada com as crianças



Figura 22

Deixe-me ver.... ah, aqui, a biblioteca também promove oficinas de contação de histórias (...) Então, *digamos que praticamente tem sempre uma atividade para as crianças, uma atividade de contação de história, de lazer, divertida, onde elas podem brincar* (...) (Clara)

### Comunidade feliz e jovem



Figura 23

Aqui assim, neles três aqui assim, *essa brincadeira de criança, esse rir, criança rindo é prazeroso ouvir, ver uma criança sorrir, então isso me chamou bastante atenção. E por mais que tenha seus altos e baixos é uma comunidade feliz até mesmo por não enfrentar muitos pontos baixos que uma favela enfrenta. (...) A comunidade é uma comunidade jovem, muitas crianças... crianças são o nosso futuro, né.* (Clara)

### Esperança



Figura 24

E essa aqui, essa foto aqui foi uma das que eu mais gostei. O garotinho, ele que pediu para eu tirar uma foto dele “ei, bate uma foto minha” (...) Por que às vezes você vê uma foto, como essa aqui com o menininho na árvore,  *você tá achando que ele tá brincando, que ele vive num lugar tranqüilo, num lugar bom, mas subindo lá a pobreza que ele vive, que está em volta dele, as coisas que colocam nele (?), as questões que colocam esse garoto são muito grandes (...)* Meu olhar nesta foto estava aqui, neste garoto. Este aqui falou comigo,  *eu quis registrar esse garotinho, você pode ver, em cima da árvore eu imaginei vai ficar muito maneiro, vai mostrar o verde de Água Mineral, tem muito verde aí, as casas atrás, vai mostrar, vai dar algum impacto essas casas aqui e esse garotinho trabalhando, porque ele, superfeliz, ele estava lá brincando rindo, trabalhando num sol de pelar em pleno feriado, num sol de rachar a testa, eu já não tava agüentando, só de andar, imagina ele trabalhando, num trabalho braçal.* (Roger)

### Força



Figura 25

*O que Água Mineral tem de bom, que pode fazer com que tudo isso mude, são as crianças. (...) Pelo jeito de ser, de viver, de sonhar, porque elas ainda não tiveram seus sonhos mortos, elas ainda têm esperança de conseguir algo melhor, se não investir, se não tiver alguém para investir, para ajudar, para fortalecer, vai continuar sendo o que é hoje, uma comunidade em que ninguém luta, que não sabe reivindicar, uma comunidade infeliz, oprimida... (Roger)*

(...) essas crianças que vivem em extrema pobreza, mas muito carinhosas, muito acolhedoras. Que tinham tudo para ser pessoas perturbadas, transtornadas e que ainda continuam sonhando, que ainda tem a alegria de viver,  *isso que me encanta nas crianças, essa magia.* (Roger)

O destaque dado às crianças em Água Mineral me levou a refletir sobre a possível metáfora: Água Mineral é como uma criança. No que Água Mineral se parece com uma criança? Em que a criança e Água Mineral se aproximam? Por

que pensar Água Mineral como uma criança? Estes questionamentos, de um certo modo, encontraram um respaldo não apenas nas imagens nomeadas e já apresentadas, mas especialmente nesta que Ariela fotografa uma menina subindo um degrau de escada e nos diz:



Figura 26

Essa aqui eu tirei, eu olhei ela subindo a escada e falei “*pô, uma criança consegue, é uma criança, mas consegue fazer coisas complicadas, como por exemplo subir uma escada sozinha*”. E Água Mineral é praticamente uma criança, uma comunidade jovem, uma comunidade nova. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer algumas coisas, poderia mostrar algum tipo de independência, de autonomia, só que as pessoas ainda não se despertaram para isso. Mesmo sendo uma comunidade pequena, ela pode se desenvolver, ela pode dar passos. (Ariela)

Olhemos a foto da Ariela: uma criança subindo um degrau de uma escada. Prestemos atenção na sua fala: “uma criança consegue fazer coisas complicadas como subir uma escada sozinha” e “Água Mineral é praticamente uma criança. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer, poderia mostrar algum tipo de

independência, de autonomia. Ela pode se desenvolver, ela pode dar passos”. Muito bonita essa metáfora trazida por Ariela sobre a comunidade ser como uma criança, porque esta nos remete a uma questão fundamental para compreendermos o que vim falando até agora: de um lugar que não é visto, portanto não olhado, não cuidado, paralisado, e não podendo, muitas vezes, oferecer para seus próprios moradores o suporte de que necessitam.

Ela diz que a menina, ainda que seja uma criança, é capaz de fazer coisas complexas, como subir um degrau de escada e até mesmo ter uma independência e uma autonomia. Esta fala marca a sua visão a respeito de Água Mineral, de que por ser nova, pequena, sua comunidade também deveria, ou poderia, se desenvolver, dar os seus próprios passos.

Então nos perguntamos: o que é preciso para que uma criança conquiste sua autonomia, para que ela possa confiar e iniciar os seus primeiros passos? É preciso que em algum momento, a priori, ela tenha sido olhada, cuidada. Lembramos de Winnicott, que tão bem explicita que no início da vida tudo que um bebê precisa é ser visto e ser ouvido, e que é justamente através desta experiência que ele vai se constituir como um ser integral e igualmente iniciar uma troca criativa com o mundo. Portanto, a autonomia é uma conquista que se faz dentro de um ambiente facilitador, onde a criança pode desenvolver a sua capacidade de confiar no outro e, especialmente, em si mesma para começar a “dar os seus primeiros passos”.

Agora pensemos em Água Mineral. Falamos até aqui de um lugar invisível. Apontamos que esta invisibilidade se sustenta na constatação dos moradores de que habitam um lugar em que ninguém conhece, nem mesmo a prefeitura da cidade onde está situado o reconhece, posto que não consta sequer no mapa e nos registros oficiais que delimitam os distritos e seus bairros. Portanto eles marcam a inexistência de um endereço, a impossibilidade de recorrer à prefeitura para efetuarem uma denúncia, queixa ou reivindicação. Assinalam também a dificuldade de acesso a bens sociais e culturais, a escassez de transporte público: em Água Mineral existe somente uma linha de ônibus, não existem bares, restaurantes, cinema, teatro, clube, praça, parques, lugares e espaços construídos, mantidos ou organizados pelo governo municipal, por exemplo, que dariam a eles a certeza de que o Estado olha, cuida ou valoriza aquele lugar. Estamos falando de um lugar cuja ausência do Estado se presentifica em um histórico de práticas

populistas exercidas por candidatos a cargos políticos, que tradicionalmente exploram e abusam das populações mais empobrecidas com promessas vazias, que não são sustentadas numa possível derrota, nem mesmo na conquista da vitória. Desse modo, o descrédito e a desesperança são sempre reatualizados. Falamos de habitar um lugar que sem o olhar de um outro – o Estado, por exemplo – que lhe dê legitimidade e o reconheça, vê-se desamparada.

Talvez Ariela tenha desejado dizer que Água Mineral também precisa deste olhar. A comunidade é como a criança, nos diz. Precisa de um olhar, de algo ou alguém que lhe conceda a capacidade de confiar em si mesma, acreditar na sua potencialidade para se desenvolver, sair da estagnação em que se encontra. Ariela alerta “Água Mineral não está fazendo nada”, ela está paralisada. O pensamento de Lewkowics sobre a instituição materna, que para se constituir como “suficientemente boa” é necessário que encontre respaldo em um “reino suficientemente forte”, ajuda-nos a compreender o momento de Água Mineral. Ela não tem amparo do “reino-Estado”, ou do “reino-sociedade”, de forma que fica fragilizada, desacreditada, sem saber como dar os seus primeiros passos. Água Mineral não tem sido, desta forma, uma “mãe-instituição” para seus “filhos-moradores”: sem respaldo, não respalda. Então, ela é como a criança, que ainda precisa de cuidado, de um olhar que lhe conste uma referência. É também como a criança, não esqueçamos das falas de Ariela, Roger, Douglas e Clara; ainda um espaço a se constituir e ainda em busca de autonomia, e, talvez aí resida a esperança e os sonhos alimentados de quatro jovens que desejam um lugar para ser e habitar.

Diante disso, perguntamo-nos inúmeras vezes a respeito de quais recursos dispõe a população para encontrar saídas, ou pelo menos, refletir sobre esta situação. Em nossa intervenção, o recurso encontrado e oferecido aos moradores de Água Mineral foi uma câmera fotográfica. Através dela é que foi possível olhar, se perguntar, duvidar, descobrir e apostar, como nos mostra as falas dos jovens.

Destacamos alguns fragmentos dos inúmeros discursos que ouvimos quando perguntamos a eles o que teria significado poderem fotografar sua comunidade. A partir deles percebemos que, ao longo desse processo de fotografar o inesperado surge (tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, eu nunca esperava ver o que eu vi); o lugar Água Mineral é

descoberto mais do que revisitado ou re-descoberto (aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto) (eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo, a comunidade onde eu moro.); os sentimentos afloram (a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral), levando a uma reflexão sobre o que seja essa comunidade (Esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente) (E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostra que não há só crítica) e os questionamentos que apontam para momentos de mudança que virão a partir do olhar desses jovens depois dessa experiência (eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”)

As falas completas de Ariela, Roger, Clara e Douglas darão a dimensão do quanto pudemos fazer com que algo de novo surgisse em um horizonte já conhecido desses jovens:

*E daí? a comunidade não é só esse monte de verde, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, aí eu fui andando. Aí eu subi, subi por uma rua em que eu nunca tinha entrado e fui embora, subi, subi, fui andando, andando até que eu fui descobrindo...* (Roger). (grifo nosso)

Significou muita coisa porque *eu não esperava que eu fosse aprender tanto* em um dia, eu nunca esperei, *eu nunca esperava ver o que eu vi* (Roger) (grifo nosso)

São as fotos que mais mexeram comigo, *que mais me fizeram olhar as coisas e a comunidade como ela realmente é.* (Roger) (grifo nosso)

*Abriu assim, uma janela que eu acho que mais cedo ou mais tarde se abriria. Só que quando você vai fazer alguma coisa, pensando, “como eu vejo a minha comunidade?”.* Essa pergunta me fez despertar para eu ver o que realmente Água Mineral é, o que Água Mineral tem e o que ela precisa ter. (Roger) (grifo nosso)

Ah, *eu pude botar o meu pensamento pra todo mundo poder ver*, assim, por exemplo, você ver, do jeito que eu vejo... isso mudou. É, os dois, porque *vão poder ver do jeito que eu vejo a comunidade, e também vão poder conhecer a comunidade melhor de outro jeito. Achei interessante porque eu é quem estava fotografando...* (Douglas)

*Esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente Água Mineral, que a gente tem falado que Água Mineral é nada e tem sido muito bom pra mim, esse momento das fotos foi muito bom, me fez pensar bastante... sobre a população, sobre o lugar, sobre o comportamento das pessoas, como elas se comportam em relação às dificuldades(...)* Eu acho sinceramente que para o lugar melhorar, as pessoas precisam melhorar. Para Água Mineral, que é o meu lugar, eu nasci aqui, moro aqui desde que eu nasci, então para Água Mineral mudar, a mudança tem que começar em mim, tem que começar na Ariela, para ver

se eu consigo mudar outra pessoa, se eu consigo mudar meu vizinho, se eu consigo mudar os meus amigos, se eu conseguisse isso, eu ia conseguir ver Água Mineral mudar. *Acho que foi bom para essa reflexão.* (Ariela) (grifo nosso)

*Eu aprendi um pouco mais sobre onde eu moro, vi a comunidade mais de perto.* (Roger) (grifo nosso)

E aí eu fiquei uns dias pensando, *aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto e para mim foi bastante proveitoso.* Eu fiz uma coisa que eu nunca tinha feito. Que realmente ver aonde que é bom mesmo, aonde que é ruim, o que que pode melhorar. (Clara) (grifo nosso)

*Eu nunca tinha parado para olhar a minha comunidade (...) quando eu me vi deparada com uma câmera fotográfica na mão eu pensei, “meu deus, o que que eu vou fazer com isso?”, “o que que eu vou fotografar?” , “como é a minha comunidade?”, eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo a comunidade onde eu moro. E hoje eu posso dizer que eu tirei bastante proveito, desse trabalho, esta oportunidade que eu tive de mostrar por meio de foto onde eu moro.* (Clara) (grifo nosso)

*Eu vi quais são as suas necessidades e quais são os seus pontos fortes, que às vezes eu acho que, na maioria das vezes eu acho que as pessoas, pessoas que talvez sejam que nem eu, que não parem para ver como realmente é, só escuto as pessoas falarem mal, ah aqui não tem nada, lugar parado... e hoje eu vejo que não é assim, e... uma coisa eu sempre vi, que foi sempre evidente para mim, que talvez já estivesse dentro de mim mesma, é o verde, essa ligação com o verde, isso eu sempre notei. Mas eu nunca tinha parado para ver que é uma comunidade jovem, uma comunidade que é feliz por não ter o tráfico aqui dentro, e... tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.* (Clara) (grifo nosso)

*E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostrar que não há só críticas. E num olhar diferente só vai ver crítica mesmo. Tem que ter alguém que olhe de uma forma diferente para mostrar que não é só coisa ruim, pode melhorar muito, mas em compensação, em comparação com outras (comunidades), tem coisas boas.* (Clara) (grifo nosso)

Eu acho assim, que continuou da mesma forma, né, porque *antes de eu fazer isso, eu já tinha esse olhar, eu só coloquei em prática uma coisa que já existia, um pensamento que já existia, um olhar que já existia e que só reforçou essa idéia de que gente precisa fazer alguma coisa.* (Ariela) (grifo nosso)

*Acho que fazendo as pessoas, de uma forma geral, a comunidade se enxergar, trazer uma alerta “que lugar é esse que você mora?”, que lugar é esse, Água Mineral? eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”* (Ariela) (grifo nosso)

*Acho que foi uma experiência única. Tirar essas fotos foi muito diferente de tirar fotos comuns, que a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral. Você tá globalizando aquilo ali num momento, então é muito forte isso. A cada foto era muito forte.* (Ariela) (grifo nosso)

De apego ao lugar, muitas vezes de revolta pela situação, poderia ser diferente, poderia ser melhor, de conscientização... acho que não é conscientização a palavra certa (...) *Reflexão e esperança, acho que esperança foi o sentimento que foi mais forte, não tá assim, mas a gente pode mudar, a gente pode construir algo novo.* (Ariela) (grifo nosso)

Acreditamos, portanto, que a intervenção utilizando a fotografia como recurso se justifica. Através da fotografia se instala uma situação que poderíamos chamar metaforicamente de analítica, na medida em que cada um dos “fotógrafos” pode olhar para si mesmo, fazer um resgate da própria história – uma história que é individual e social, uma história que não é somente aquela datada num passado remoto, mas a que se atualiza no cotidiano -, pensar, criar imagens, falar, e elaborar.

Em outra perspectiva, é interessante trazermos o conceito de utopia e sua relação com os avessos da cidade, proposto por Edson Sousa (2004). Segundo este autor, a utopia tem por função revelar os avessos da cidade, aquilo que fica na sombra, ajudando-nos a entender a lógica da sua construção, o recalcado de sua história. A utopia tem uma função de crítica social, esta sempre foi a sua função na história.

Nas palavras de Sousa:

As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante da possibilidade de um outro lugar possível num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida. É neste ponto que podemos situar a posição do adolescente no desafio de indicar os avessos e as sombras das imagens que conformam o laço social. O adolescente, justamente por estar numa condição de passagem, busca um lugar. É como que impelido a se confrontar com os lugares instituídos buscando inventar outras possibilidades de estar no mundo. (p.5)

Neste sentido, os jovens de Água Mineral não são conformados com o que vêem e com o que têm na comunidade. Com as fotografias, questionaram a situação de pobreza e abandono; questionaram a falta de olhar e reconhecimento para com o seu lugar. Denunciaram seus sonhos e abriram outras frentes, outras possibilidades de se fazer ver Água Mineral e a si mesmos naquele lugar.

Visitei, no Museu de Arte Moderna, a exposição da artista inglesa Rachel Whiteread<sup>4</sup>. Na ocasião, sua obra me pareceu fascinante: ela explorava o invisível, o vazio, o oco dos objetos, moldando-os, preenchendo-os. Com isto, fazia-nos enxergar o avesso das formas. Fazia-nos ver onde, aparentemente, não havia nada para ser visto. Mais tarde, em outra ocasião, no Congresso de Psicopatologia

---

<sup>4</sup> Exposição no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. 2/12/2003 a 29/02/2004. Curadoria de Paulo Venâncio Filho e Ann Gallagher.

Fundamental, realizado na Puc-Rio, em 2004, assisti a mesa composta por Junia de Vilhena e Edson Sousa, entre outros. Edson, em sua apresentação lembrou desta mesma exposição para falar sobre as formas utópicas e o viver na cidade. A fala-texto de Sousa era sobre os avessos da cidade, ou seja, aqueles lugares e pessoas que estão à sombra da cidade, ninguém vê, mas eles estão ali. Só são vistos ou lembrados quando a tragédia faz notícia nos jornais: moradores de rua são assassinados nas ruas do centro da cidade de São Paulo. Fiz um paralelo com os habitantes das comunidades populares do Rio de Janeiro, com os moradores de Água Mineral. Quem os vê? Alguém lembra daquela gente? O que faria revelar o avesso daquele lugar? O que faria aquele lugar ganhar uma forma, ocupar um espaço, existir (como os espaços vazios da obra de Whiteread?)?

Edson Sousa (2004) lembra que Whiteread, ao moldar os espaços vazios das coisas com inúmeros materiais tais como gesso, cimento, resina, borracha, bronze, feltro... indaga sobre as condições de inscrição destes espaços de ausência e silêncio. Seu processo de trabalho consiste em preencher o oco de muitos objetos (banheiras, prateleiras, vasos, etc) com os materiais mencionados e depois apresentar somente este “interior da forma”. Whiteread nos mostra o negativo revelado, o avesso eloqüente. Moldar o espaço vazio é abrir zonas de imaginação. Podemos fazer uma relação desta obra com o processo de fotografar a comunidade. Revelar a comunidade, criar imagens para o que não tinha sido visto. Enxergar além do visível – além da rua principal e das casas do caminho habitual – abre frestas, zonas de imaginação como propõe Sousa e começa-se a pensar na comunidade, constatar como é e ao mesmo tempo, imaginar como ela poderia ser.

Poder ver o seu lugar pelos seus avessos, portanto, inaugura a esperança que um outro olhar ainda seja possível. Estes avessos vão mostrar espécies de espaços banais que segundo Milton Santos são os responsáveis por abrir caminho a plenitude da vida: espaços portanto do convívio, da cidadania, da responsabilidade com o que se compartilha no espaço público.

Será a fotografia, ou talvez o fotografar, um ato utópico? Ato utópico proposto por Sousa, que tenta fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido. Será possível reinventar a Água Mineral habitada pelos jovens desta pesquisa? Ou ainda reinventar as formas de viver, de habitar ou de olhar para a comunidade?

A pesquisa com fotografia e que a ofereceu como instrumento para a captura de novos olhares sobre o espaço habitado e para fazer falar deste lugar, possibilitou a enunciação do sujeito que habita um lugar invisível e que, por isso, meio invisível também se sente, mas que quer se ver e ser visto. Apoiados no que Sousa nos apresenta como utopia, podemos talvez considerar que o ato de fotografar tenha possibilitado a instauração de uma experiência utópica. Utópica porque os jovens embarcaram na proposta de indicar os avessos da sua comunidade, enxergaram ali o que muitos não vêem, deram aos invisíveis moradores de Água Mineral uma imagem, um lugar. Constataram a sua existência, desejaram que seu lugar fosse diferente, desvelaram algumas faces ocultas da comunidade, projetaram seus olhares sobre o lugar onde vivem, não se silenciaram. Olharam a comunidade com olhos críticos e criticaram, ao seu modo, a sociedade, a ausência do poder público naquele lugar, apontando as conseqüências disto para as pessoas.